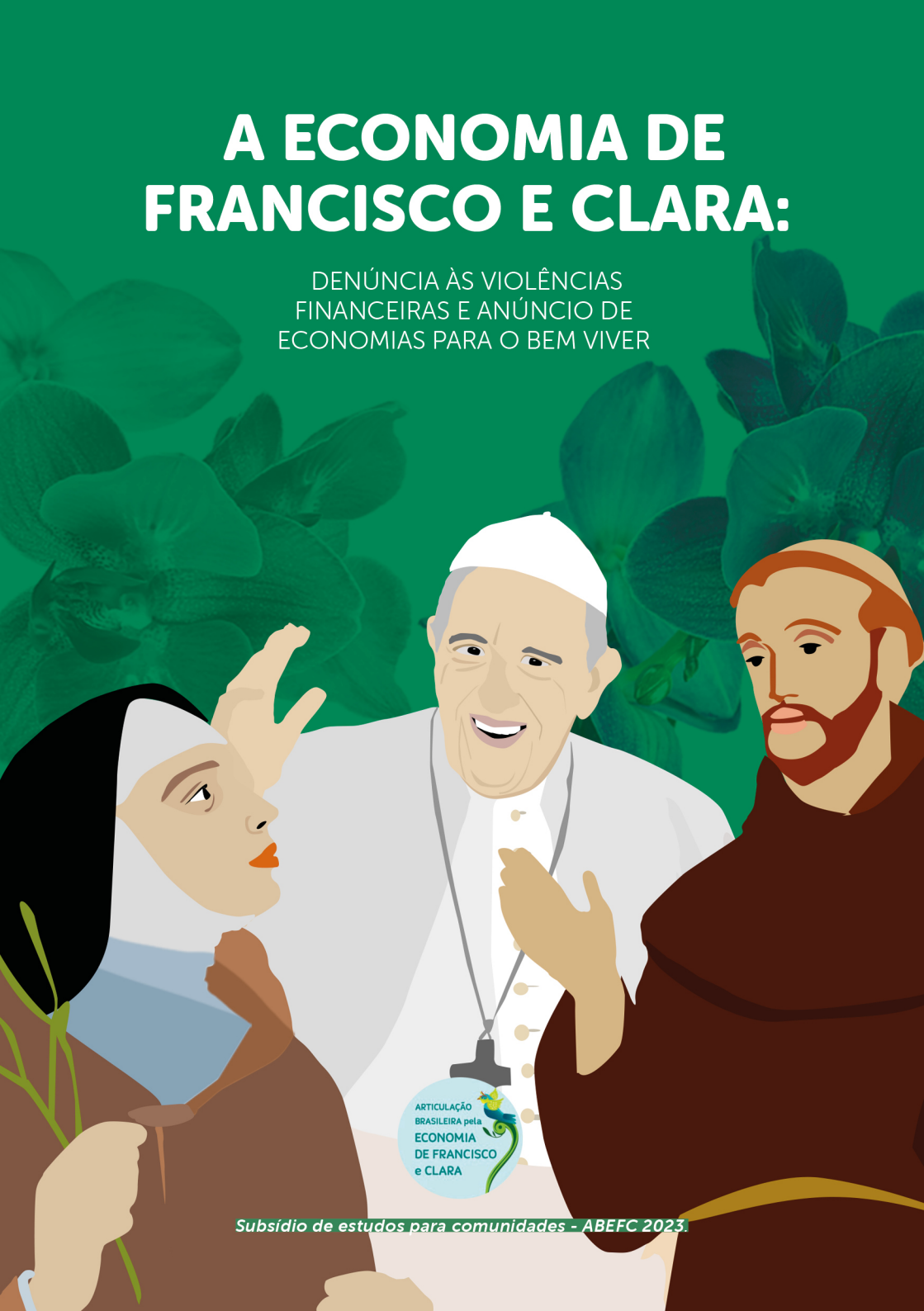
A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA:

DENÚNCIA ÀS VIOLÊNCIAS FINANCEIRAS E ANÚNCIO DE ECONOMIAS PARA O BEM VIVER



Subsídio de estudos para comunidades - ABEFC 2023.

Coordenação
Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC)

Equipe
Subsídio de Estudos da Articulação Brasileira pela
Economia de Francisco e Clara Número 1/ 2023:
Denúncia as violências financeiras e anúncio
de economias para o bem viver
economiadefrancisco@gmail.com

Secretariado
Andrei Thomaz Osse-emer
Bruna Matos
Eduardo Brasileiro
Elis Alberta Ribeiro dos Santos
Gabriela Consolaro Nabozny
Glenda Sábio
Michele da Silva
Peterson Prates
Ramon Jung
Ricardo pereira
Talita Guimarães
Talita Lima

Organização
Eduardo Brasileiro
Gabriela Consolaro
Guilherme Cavalli dos Santos
Ramon Jung Pereira

Diagramação e CAPA
Michelle Monteiro (Casa Galileia)

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A791e Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara
A economia de Francisco e Clara [recurso eletrônico] : denúncias às violências financeiras e anúncio de economias para o bem viver / texto: Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara; equipe de organização: Eduardo Brasileiro ... [et al]. Belo Horizonte, MG : ABEFC, 2023.
E-book (35 p. : il).

Outros organizadores: Gabriela Consolaro Nabozny, Guilherme Cavalli dos Santos Ferreira, Ramon Jung Pereira.
Subsídio de estudos para comunidades - ABEFC 2023.

1. Francisco Papa, 1936- - Ensinamentos. 2. Economia social. 3. Sustentabilidade e meio ambiente. 4. Igreja e sociedade - Séc. XXI. 5. Movimentos sociais. 5. Participação social. I. Brasileiro, Eduardo. II. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 2:33

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Sumário

A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA:
DENÚNCIA AS VIOLÊNCIAS FINANCEIRAS E ANÚNCIO DE ECONOMIAS PARA O BEM VIVER

(1) PAPA FRANCISCO:
Mensagem sobre a Economia de Francisco e Clara **6**

(2) CARTA COMPROMISSO COM O PAPA FRANCISCO E PARTIR DA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA NO BRASIL **10**

(3) CLARA: O anúncio Latino-Americano **13**

(4) AMÉRICA LATINA DENUNCIA:
Pelo fim das economias extrativistas **16**

(5) 10 PRINCÍPIOS PARA SE VIVER A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA **23**

(6) CASAS DE FRANCISCO E CLARA: Um chamado a uma economia da proximidade, do cuidado e da defesa de direitos **28**

(7) E AGORA? COMO FAZER A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA NA MINHA REALIDADE? **34**

A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA:
DENÚNCIA AS VIOLÊNCIAS FINANCEIRAS
E ANÚNCIO DE ECONOMIAS PARA O BEM VIVER

Hoje temos que dizer "não a uma economia de exclusão e desigualdade. Esta economia mata". (cf. Evangelli Gaudium 53) Com o impulso do chamado do Papa Francisco e atentos aos gritos da Mãe Terra e dos povos, a Articulação Brasileira para a Economia de Francisco e Clara (ABEFC). Em unidade com diversos movimentos populares, querem contribuir para a construção de outros modelos econômicos que superem o princípio da maximização do lucro através de uma lógica de extração ilimitada da Mãe Terra.

"Todos aqueles que abraçaram a fé viveram juntos e colocaram tudo em comum; venderam seus bens e posses e dividiram o dinheiro entre todos, de acordo com a necessidade de cada um. Todos os dias eles se reuniam no templo, partiam o pão em suas casas e comiam juntos com alegria e simplicidade de coração. Eles louvaram a Deus e foram estimados por todo o povo".

(Atos 2, 44-47)

Sefras

The ECONOMY of
FRANCESCO

Sefras

ARTICULAÇÃO
BRASILEIRA PELA
ECONOMIA
DE FRANCISCO
E CLARA

Sefras

1- PAPA FRANCISCO: Mensagem sobre a Economia de Francisco e Clara

Esperei por mais de três anos por este momento, desde que, no dia 1º de maio de 2019, lhes escrevi a carta que os convocou e depois os trouxe aqui em Assis. Para muitos de vocês – acabamos de ouvir – o encontro com a Economia de Francisco despertou algo que vocês já tinham dentro. Vocês já estavam comprometidos criando uma nova economia; aquela carta os uniu, deu-lhes um horizonte mais amplo, fez-lhes sentir parte de uma comunidade mundial de jovens que tinham a mesma vocação que vocês. E quando um jovem vê em outro jovem seu mesmo chamado, e depois essa experiência se repete com centenas, milhares de outros jovens, então coisas grandes se tornam possíveis, até mesmo esperar na mudança de um sistema enorme, um sistema complexo como a economia mundial.

Aliás, hoje, falar de economia quase parece coisa antiga: hoje se fala de finanças, e as finanças são uma coisa aquosa, uma coisa gasosa, não é possível aferrá-la. Certa vez, uma boa economista em nível mundial me disse que fez uma experiência de encontro entre economia, humanismo e religião. E esse encontro foi bom. Ela quis fazer o mesmo com as finanças e não conseguiu. Cuidado com essa "gasosidade" das finanças: vocês devem retomar a atividade econômica a partir das raízes, das raízes humanas, como foram feitas.

Vocês são chamados a se tornar artesãos e construtores da casa comum, uma casa comum que está "ficando em ruínas". Digamo-lo: é assim.

Uma sociedade e uma economia sem jovens são tristes,
pessimistas, cínicas. Se vocês querem ver isso,
vão a essas universidades ultraespecializadas
em economia liberal e olhem na cara dos jovens
e das jovens que estudam lá - Papa Francisco

Uma economia que se deixar inspirar na dimensão profética se expressa hoje em uma visão nova do ambiente e da terra. Não basta fazer uma maquiagem. É preciso pôr em discussão o modelo de desenvolvimento. A situação é tal que não podemos apenas esperar pela próxima cúpula internacional, que pode não ajudar: a terra está queimando hoje, e é hoje que devemos mudar, em todos os níveis.

Nem todas as soluções ambientais têm
os mesmos efeitos sobre os pobres e, portanto, devem
ser preferidas aquelas que reduzem a miséria
e as desigualdades - Papa Francisco

Há uma urgente necessidade de reconstituir esse patrimônio espiritual essencial. A técnica pode fazer muito; ela nos ensina o "quê" e o "como" fazer: mas não nos diz o "porquê"; e assim as nossas ações se tornam estéreis e não preenchem a vida, nem mesmo a vida econômica.

Encontrando-me na cidade de Francisco, não posso deixar de me debruçar sobre a pobreza. Fazer economia inspirando-se nele significa se comprometer a colocar os pobres no centro. A partir deles, olhar para a economia, a partir deles, olhar para o mundo. Eu diria mais: uma economia de Francisco não pode se limitar a trabalhar pelo ou com os pobres. Enquanto o nosso sistema produzir descartes e operarmos de acordo com esse sistema, seremos cúmplices de uma economia que mata.

Estamos fazendo o suficiente para mudar
essa economia ou nos contentamos em envernizar
uma parede, mudando de cor, sem mudar a estrutura da casa?
Não se trata de dar algumas pinceladas de verniz, não:
é preciso mudar a estrutura - Papa Francisco

Então, perguntemo-nos: estamos fazendo o suficiente para mudar essa economia ou nos contentamos em envernizar uma parede, mudando de cor, sem mudar a estrutura da casa? Talvez a resposta não esteja naquilo que nós podemos fazer,

mas no modo como conseguimos abrir caminhos novos para que os próprios pobres possam se tornar os protagonistas da mudança. São Francisco amava não só os pobres, mas também amava a pobreza. Esse modo de vida austero, digamos assim. Francisco ia ao encontro dos leprosos não tanto para ajudá-los, mas porque queria se tornar pobre como eles. Seguindo Jesus Cristo, despojou-se de tudo para ser pobre com os pobres.

E, à luz dessa reflexão, gostaria de lhes deixar três indicações de percurso para seguir em frente.
A primeira: olhar o mundo com os olhos dos mais pobres. O movimento franciscano soube inventar na Idade Média as primeiras teorias econômicas e até os primeiros bancos solidários (os "Monti di Pietà"), porque olhava o mundo com os olhos dos mais pobres. Vocês também melhorarão a economia se olharem as coisas a partir da perspectiva das vítimas e dos descartados. Mas, para ter os olhos dos pobres e das vítimas, é preciso conhecê-los, é preciso ser amigo deles. E, acreditem em mim, se vocês se tornarem amigos dos pobres, se compartilharem a vida deles, vocês também compartilharão algo do Reino de Deus, porque Jesus disse que o Reino dos céus é deles, e por isso eles são bem-aventurados (cf. Lc 6,20). E repito: que as escolhas cotidianas de vocês não produzam descartes.

A segunda: vocês são acima de tudo estudantes, estudiosos e empresários, mas não se esqueçam do trabalho, não se esqueçam dos trabalhadores. O trabalho das mãos. O trabalho já é o desafio do nosso tempo e será ainda mais o desafio de amanhã. Sem trabalho digno e bem remunerado, os jovens não se tornam verdadeiramente adultos, as desigualdades aumentam. Às vezes, pode-se sobreviver sem trabalho, mas não se vive bem. Por isso, ao criarem bens e serviços, não se esqueçam de criar trabalho, um bom trabalho e trabalho para todos.

A terceira indicação é: encarnação. Nos momentos cruciais da história, quem soube deixar boa impressão o fez porque traduziu os ideais, os desejos e os valores em obras concretas. Ou seja, encarnou-os. Além de escrever e fazer congressos, esses homens e mulheres deram origem a escolas e universidades, a bancos, a sindicatos, a cooperativas, a instituições. Vocês mudarão o mundo

da economia se, junto com o coração e a cabeça, também usarem as mãos. As três linguagens. Pensamos: a cabeça, a linguagem do pensamento. Mas não só: unida à linguagem do sentimento, do coração. E não só: unida à linguagem das mãos. E você devem fazer aquilo que sente e pensa, sentir aquilo que faz e pensar aquilo que sente e faz. Queridos irmãos e irmãs, agradeço-lhes pelo seu empenho: obrigado. Sigam em frente, com a inspiração e a intercessão de São Francisco. E eu – se vocês estiverem de acordo – gostaria de concluir com uma oração. Eu a leio, e vocês a acompanham com o coração:

Pai, te pedimos perdão por termos ferido gravemente a terra, por não termos respeitado as culturas indígenas, por não termos estimado e amado os mais pobres, por termos criado riqueza sem comunhão. Deus vivo, que com o teu Espírito inspiraste o coração, os braços e a mente destes jovens e os fizeste partir a uma terra prometida, olha com bondade a sua generosidade, o seu amor, a sua vontade de gastar a vida por um ideal grande. Abençoa-os, Pai, em seus empreendimentos, em seus estudos, em seus sonhos; acompanha-os nas dificuldades e nos sofrimentos, ajuda-os a transformá-los em virtude e em sabedoria. Apoia os seus desejos de bem e de vida, sustenta-os nas suas decepções diante de maus exemplos, faz com que não desanimem e continuem no caminho. Tu, cujo Filho unigênito se fez carpinteiro, dá-lhes a alegria de transformar o mundo com o amor, com a engenhosidade e com as mãos. Amém.

E muito obrigado.
Papa Francisco em Assis-Itália, 24 de Setembro de 2022

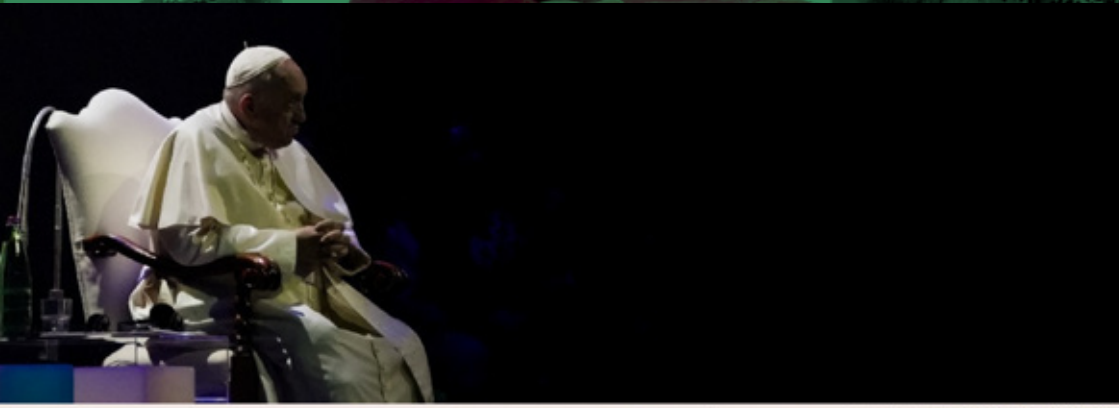
2 - CARTA COMPROMISSO COM O PAPA FRANCISCO E PARTIR DA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA NO BRASIL

Transcorridas várias semanas do encontro internacional 'A Economia de Francisco', na cidade de Assis, onde mais de mil jovens de todo o mundo estiveram reunidos, junto à presença calorosa do Papa Francisco, é obrigação da delegação brasileira participante no evento aterrar as perspectivas no chão do movimento brasileiro que se organiza a mais de três anos em volta deste novo pacto econômico.

"Estamos fazendo o suficiente para mudar essa economia ou nos contentamos em envernizar uma parede, mudando de cor, sem mudar a estrutura da casa? Não se trata de dar algumas pinceladas de verniz, não: é preciso mudar a estrutura" - Papa Francisco

Os jovens vindos de diversos lugares do mundo traziam um sinal de esperança. Jovens que enfrentam guerras, conflitos armados, narcotráfico, aqueles que construíram projetos de sustentabilidade econômica, social, ambiental e outros de movimentos sociais, eclesiais e políticos expressivos. E uma grande parcela daqueles que ainda querem se inserir num processo de mudança e viram no Papa uma referência de valores e perspectivas de ações à luz do tripé inovador da Doutrina Social da Igreja em seu pontificado: a ecologia, a economia e a educação.
Estamos testemunhando no mundo inteiro jovens que se organizam a partir de uma dessas três dimensões da vida social e, a partir do chamado do Papa, vem se inserindo em processos de mudança local e global.
Portanto, unidos aos três chamados do Papa em seu discurso: (1) fazer uma economia profética; (2) resgatar o bem viver; (3) pensar e transformar o mundo do trabalho, e unindo-as às três dimensões de atuação da nossa articulação brasileira definida à dois anos, a saber (4) territórios, (5) movimentos populares e (6) educação, nos comprometemos a:

1 - Construir uma economia profética é "olhar para o mundo através dos pobres", na perspectiva do bem comum, para a garantia de uma vida plena a partir do direito de todos à terra, teto e trabalho, dos direitos sociais, humanos e de cidadania. Debruçando-se em processos de reflexão e novas práticas ao



pensar o desenvolvimento territorial integrado, pensando a vida coletiva a partir de novas relações econômicas, sociais e ambientais: uma economia comunitária. Numa perspectiva anticapitalista, rompendo com a cultura do descarte e da exploração e opressão, e construindo novos paradigmas econômicos a partir da cultura do encontro e do cuidado com as pessoas, com tudo que vive e com a nossa casa comum.

2 - Difundir ideias, práticas e vivências do bem viver a partir da experiência de desinvestimento na economia da morte pela superação do modelo de desenvolvimento capitalista, propondo outras maneiras de prosperidade humana e ecológica, como por exemplo o desinvestimento em mineração e combustíveis fósseis construindo uma transição ecológica.

3 - Fomentar experiências de trabalho digno a partir do resgate dos direitos trabalhistas e construir uma política irrestrita de renda básica de cidadania, disputando um novo paradigma tecnoeconômico que priorize novas cadeias produtivas locais combatendo o monopólio dos mercados.

4 - Cultivar nos territórios a cultura do encontro e com o povo construir resistência ao modelo predatório de vida social fomentando processos de transformação social, cultural e ecológica por alternativas econômicas ao desenvolvimento pensando e propondo novas formas de habitar as cidades e o campo.

5 - Ser Movimento Popular providenciando espaços de participação local, regional e nacional que são espaços privilegiados de aprendizado coletivo para a democratização da sociedade.

6 - Assumir-se educador de economias do bem comum promovendo espaços de articulação do conhecimento crítico ao modelo capitalista, fomentando pujantes leituras pluralistas da compreensão do mundo e assumindo uma postura coletiva de criarmos cada vez mais articuladores da Economia de Francisco e Clara.

Com o coração carregado das lutas e sonhos por outros mundos possíveis de nossos lugares e com a esperança de sermos um grande movimento de anúncio de bens comuns da humanidade, não nos despedimos, mas te convidamos a caminhar conosco!

"E colocavam tudo em comum"
Juventudes da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara

3 - CLARA: O anúncio Latino-Americano

Uma ponte, como as pontes que Santa Clara de Assis queria construir. Expressamos o desejo de uma mudança profunda na abordagem estabelecida das relações econômicas. Por isso, feminino é necessário para mudar o paradigma na economia. Economia é um substantivo feminino. É urgente questionar a economia que se estabelece de um ponto de vista puramente material e produtivista e que distorce o significado do bem-estar social, produzindo desigualdade e infelicidade. Vivemos em uma época de profundas transformações. A começar pela mudança climática. O tempo para reverter essas mudanças está se esgotando. Daí a necessidade, com a noção de emergência histórica, de alcançar estes novos caminhos. Queremos novos paradigmas: da competição à colaboração; da exploração à sustentabilidade; do acúmulo à distribuição; das relações desequilibradas entre pessoas e países ao comércio justo; do consumo desenfreado ao consumo responsável.
O Papa Francisco nos advertiu em 2019 sobre a transição energética: "As gerações futuras herdarão um mundo em muito mau estado. Nossos filhos e netos não têm que pagar o preço pela irresponsabilidade de nossa geração". Se continuarmos com uma economia intensiva em carbono e puramente extrativista, como é o caso da mineração, estaremos caminhando para o suicídio ecológico. Precisamos mudar esta atitude perversa de negação sobre os efeitos da mudança climática na vida do planeta, como bem aponta o Papa Francisco. Nossa proposta, para uma economia baseada no feminino, no acolhimento, no cuidado e no afeto, implica uma transição radical nas formas de produção de energia, a distribuição justa do que é produzido e a redução do consumo de massa - uma expressão de um profundo compromisso ético com as gerações vindouras em um contexto de justiça intergeracional.

Para o bem dos jovens, para o bem das crianças, para o futuro dos animais e de todos os seres que habitam o planeta, a Economia de Francisco e Clara só fará sentido se incorporar firmemente a decisão de manter os combustíveis fósseis no solo, reduzindo sua extração até que sejam totalmente reabastecidos. A natureza levou milhões de anos para transformar formas vivas em petróleo, seqüestrando carbono e colocando-o no fundo da terra; é ilógico, e criminoso, expulsá-lo em menos de duzentos anos, quase todos de uma só vez, em termos de tempo geológico. Esta descaramento está afetando de forma irrevogável o equilíbrio do planeta.

Falta apenas uma década para conter o aquecimento global, diz um relatório da ONU, endossado por toda a comunidade científica. Se excedermos o limite de 1,5 graus Celsius para o aquecimento global, os efeitos serão catastróficos.

Eles já estão!
Secas, enchentes, tempestades e tornados.
Isso não é o suficiente para pôr um fim a isso?
De que outras tempestades estamos esperando?
Novos rios mortos?
Novas represas que perturbam a vida?
Mais água suja derramada pelas chuvas?
Mais fuligem entrando em nossas narinas?
Mais cólera, asma, bronquite e febre amarela?
E quando os rios secarem e os
mares se transformarem em desertos?
E quando o ar queimar ao entrar em nossas narinas?
O que diremos aos nossos netos?
O que nossos netos dirão de nós?

Como afirma Ailton Krenak, um líder indígena brasileiro: "Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que não pode comer seu dinheiro". Nossa economia feminina de Francisco e Clara tem como ponto de partida a produção de energias limpas, renováveis e distribuídas. A energia do sol, a energia dos ventos e todas as boas energias que se pode descobrir a partir da ciência da boa ética. Queremos praticar

nosso Teko Porã, a "boa maneira de viver na Casa" dos povos Guarani, nossos irmãos, que tanto têm a nos ensinar no cuidado de nossa casa e de nossa mãe, a Mãe Terra, nosso dom.

Contudo, não basta produzir energia limpa e renovável, é necessário produzi-la de uma forma nova e descentralizada, distribuindo conhecimento e permitindo a todos o acesso aos avanços tecnológicos. Painéis solares ou palhetas meteorológicas produzidas nas comunidades, para as comunidades, iluminação e aquecimento de casas, ruas, escolas e parques. Produção na escala da vida, produzida com justiça e equilíbrio. A lógica é a mesma para a produção de alimentos saudáveis, sem veneno, produtos da agricultura familiar ou das hortas urbanas.

Ou atividades industriais descentralizadas e ecológicas, sem desperdícios, em cadeias curtas, aproximando a produção do consumo.
Estas formas de produção colaborativa nos remetem a novas formas de economia. Economias no plural. A economia circular, a economia do cuidado, a economia camponesa, a economia familiar, a economia da mulher, a economia dos festivais comunitários, a economia da comunhão. Economia digital, trabalhista e de conhecimento livre. Solidariedade e economias populares, criativas e colaborativas. Só então entendemos qual deve ser a base da economia de Francisco e Clara: do coletivo, do comum; do que pertence a todos e deve ser compartilhado por todos. "Todos aqueles que abraçaram a fé viveram juntos e colocaram tudo em comum" (Atos 2, 44-47).

Na economia de Francisco e Clara não há espaço para a ganância, nem para o acúmulo infinito. Nem mesmo para os bilionários. Sim, um mundo sem bilionários e mega-fortuna; porque para acumular bilhões (de dinheiro) é necessário deixar bilhões (de vidas) sem nada. Qualquer um que seja bilionário neste momento poderia começar a compartilhar, por sua própria iniciativa, fora de consciência.

A Economia de Francisco e Clara, inspirada no Cântico das Criaturas, já é uma realidade na vida das comunidades e nós nos juntamos a ela!

Bonito e radiante,
Louvado seja você, em todas as suas criaturas.
A Economia do Irmão Sol e da Irmã Lua nas Estrelas
Louvado seja você, Irmão Vento, pelo ar e pela nuvem.
Sereno, você dará sustento a suas criaturas.
Útil e humilde, saciará nossa sede.
As diversas frutas, as flores coloridas e as ervas aromáticas,
Todos nós somos filhos de nossa Mãe Terra.
Louvai e bendizei a meu Senhor, E obrigado a ele!

Extrato adaptado da Carta de Francisco e Clara:
diretamente do Brasil para a reunião de Assis)

Leia a carta completa:

CARTA DE FRANCISCO E CLARA

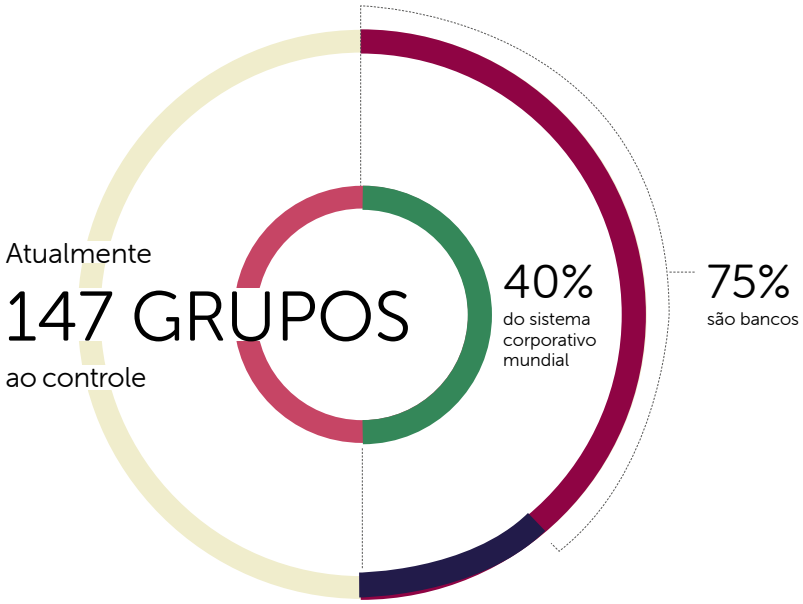
4 - AMÉRICA LATINA DENUNCIA: Pelo fim das economias extrativistas

REDE IGREJAS E MINERAÇÃO

Em muitos países da América Latina as economias extrativistas impulsionadas pela mineração são vistas como um motor de desenvolvimento. Os governos, quaisquer que sejam suas tendências políticas, promovem-a reduzindo impostos, facilitando investimentos, flexibilizando leis e entregando terras. Entretanto, a mineração não representa para o povo uma melhoria real em suas condições de vida. Os direitos são violados, as comunidades são divididas, as democracias são enfraquecidas, a água é poluída, as economias locais, as culturas, os territórios, a saúde e as gerações futuras são afetadas. Os projetos são geralmente impostos sem participação, consulta prévia e, em muitos casos, com a oposição das comunidades. .

O mundo financeiro e o dinheiro sujo

O mundo financeiro corporativo é controlado por grupos altamente centralizados, que concentram a gestão dos valores econômicos das empresas transnacionais no mundo. Estes grupos são responsáveis pelas mudanças dramáticas nos preços das commodities em toda a economia mundial. Na verdade, eles contribuem pouco para a "economia real" porque são instituições que não produzem. "A especulação financeira com lucro fácil como seu propósito fundamental continua a causar estragos" (FT 168) e mesmo diante de crises pandêmicas e econômicas, "não houve reação para repensar os critérios obsoletos que continuam a governar o mundo e para propor uma nova economia mais atenta aos princípios éticos e para uma nova regulamentação da atividade financeira especulativa e da riqueza fictícia" (cf. FT 170). Grupos que lidam com papel financeiro, fluxos de informação ou corretagem de mercadorias continuam a crescer. Um exemplo disso é o fato de que 16 grupos controlam quase todo o comércio mundial de matérias-primas - tais como minérios metálicos, grãos e energia.



O Instituto Federal Suíço de Pesquisa Tecnológica (ETH) publicou um estudo intitulado A Rede Global de Controle Corporativo. O estudo selecionou 43.000 entre 30 milhões de empresas, chegando a um grupo extremamente centralizado de 737 que acumulam 80% do controle de valor de toda as empresas transnacionais (TNCs). Aperfeiçoando ainda mais a arquitetura do poder, os cientistas chegaram a 147 TNCs que controlam 4/10 do valor econômico. Desses 737 e 3/4 são intermediários financeiros que administram um capital improdutivo, somente de especulação.

Os principais investidores em mineração na América Latina estão entre os 50 principais das 147 empresas transnacionais super-conectadas que formam a rede capitalista que domina o mundo corporativo. Um exemplo disso é que 80% do capital proveniente de bancos e que "sustenta" as seis maiores corporações extrativistas da América Latina vem de 5 grupos transnacionais. Estas são as conseqüências de uma falsa abertura ao mundo que usa a globalização do mercado para dividir pessoas e nações, para promover conflitos locais com um desinteresse geral pelo bem comum, instrumentalizado pela economia global para impor um modelo cultural único. Eles agem com base na lei de "poderes econômicos transnacionais que aplicam "dividir para reinar"". (cf. FT 12)

O Papa Francisco na encíclica Fratelli tutti pontua as críticas ao neoliberalismo como um sistema que propõe como "saída" o que está na gênese da violência que ameaça os tecidos sociais. "A economia não pode mais recorrer a remédios que são um novo veneno". (EG 204) O Sumo Pontífice propõe a construção de uma "política econômica ativa destinada a promover uma economia que favoreça a diversidade produtiva e a criatividade empreendedora". (FT 168) É fundamental entender que "o mercado sozinho não resolve tudo, mesmo que mais uma vez nos fizessem acreditar neste dogma neoliberal da fé", como nos lembra o Papa Francisco na encíclica Fratelli Tutti. O neoliberalismo é "um modo de pensar pobre e repetitivo, que propõe sempre as mesmas receitas diante de qualquer desafio". (cf. FT 168)

Quem financia a destruição da Mãe Terra e o sofrimento de tantas comunidades?

Quem financia a destruição da Mãe Terra
e o sofrimento de tantas comunidades?

O dinheiro que colocamos em bancos e fundos de pensão é emprestado para empresas em troca de juros e taxas que retornam para os bancos. As atividades das empresas geram enormes lucros, que depois são parcialmente pagos aos bancos financiadores e aos fundos de pensão. Se pensarmos em investimentos em setores como mineração, indústria de armas, pornografia, tabaco ou álcool, ou em empresas com baixa classificação no respeito aos direitos trabalhistas, ligados à destruição de biomas, à criminalização de comunidades ou outros maus exemplos, estes são lucros sujos, pois são adquiridos de uma falta de respeito aos direitos humanos e ambientais, diretamente contrários a Doutrina Social da Igreja.

As interações entre o setor financeiro, as empresas e seus clientes têm um precedente: a contratação de serviços bancários, de seguros e de gestão de investimentos. Estas instituições prestam um serviço à sociedade, organizações,

universidades, igrejas e outras que lhes confiam seu dinheiro em depósitos de poupança, fundos de investimento ou outros. Com este montante, as instituições financeiras se tornam prestadoras de serviços financeiros para empresas que necessitam de capital na economia real. Como questão de coerência ética, este dinheiro depositado em bancos, fundos de pensão e de investimento pode ser encaminhado, sem conhecimento prévio devido à falta de revisão dos códigos de ética, para empresas com má conduta. Os lucros resultantes destes investimentos são sujos. Estes são caminhos gerados pela ganância, devido a "um culto ao antigo bezerro de ouro (cf. Ex 32, 1-35) que encontrou uma nova e implacável versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura da economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano" (cf. EG 55).

Com a Campanha de Desinvestimento em Mineração (divestinmining.org) propomos que o resultado econômico dos investimentos feitos por instituições com critérios morais não tenha lucro como única razão, ainda mais nesta profunda crise sócio-ambiental que estamos vivenciando. Diante das contradições do modelo econômico atual, as evidências mostram que "nem tudo pode ser resolvido com liberdade de mercado e que, além de reabilitar uma política saudável que não esteja sujeita aos ditames das finanças, temos que colocar a dignidade humana de volta ao centro e construir as estruturas sociais alternativas de que precisamos sobre esse pilar". (FT 168)

Desinvestimento em Mineração: uma ferramenta de coerência ética

O princípio de sustentabilidade proposto pela Doutrina Social da Igreja considera que a responsabilidade pelo equilíbrio social em uma sociedade globalizada, a viabilidade ecológica de nossa Terra, bem como o desempenho econômico, atuam em conjunto. Muitas organizações religiosas e sociais investiram recursos em fundos de investimento e desenvolveram seus planos de aposentadoria de acordo com políticas socialmente responsáveis e critérios éticos. Entretanto, dentro desses pacotes acionários, muitas vezes há investimentos em empresas de mineração com más práticas, que não são conhecidas por aqueles que possuem esses fundos.

É uma ferramenta para combater as violações dos direitos humanos e ambientais perpetradas pelas empresas de mineração.

- Serve para mostrar como a financeirização da economia atual está cada vez mais afastando a economia da gestão do bem comum, das atividades produtivas e dos benefícios para os Estados-Nação.
- É uma atividade que visa uma urgente mudança de paradigma que rejeita as muitas formas de injustiça.
- É uma forma de assumir a co-responsabilidade entre o Norte e o Sul globais no cuidado da vida e da Casa Comum.
- É uma forma das igrejas conhecerem e ouvirem o grito das comunidades afetadas pela mineração; de se afastarem das estratégias e práticas utilizadas pelas empresas para obterem licença legal e social para suas operações; das igrejas estarem vigilantes com relação às tentativas de sedução operadas pelas corporações, tentando "conquistar" seu apoio e bênção.

PÓS-EXTRATIVISMO: A opção pela Casa Comum e os povos que a habitam

> "Em nome de Deus, quero pedir às grandes corporações extrativistas - mineração, petróleo, silvicultura, imobiliária, agronegócio - que parem de destruir florestas, pântanos e montanhas, que parem de poluir rios e mares, que parem de envenenar pessoas e alimentos". Papa Francisco em mensagem aos Movimentos Populares

Em linha com o chamado do Sumo Pontíficie, as organizações cristãs são instadas a adotar uma economia samaritana que atue como instrumento da ação missionária da Igreja e seja capaz de transformar o modelo econômico caracterizado pela voracidade cega de um tipo de exploração que continua crescendo e se expandindo; que quanto mais extrai e quanto mais depredou, mais precisa continuar destruindo a natureza. Como opção cristã para realmar a economia, o Papa Francisco nos convida a "pensar na participação social, política e econômica de tal forma "que inclua os movimentos populares e anime as estruturas de governo locais, nacionais e internacionais com aquela torrente de energia moral que surge da incorporação dos excluídos na construção do destino comum" (cf. FT 169).

A grande mineração transnacional que hoje se expande sobre a vasta geografia e sociodiversidade é uma expressão contemporânea do colonialismo inerente ao desenvolvimento do capitalismo como um projeto civilizacional. É devido à centralidade da valorização financeira que bens vitais como fontes de água, biodiversidade e ar puro continuam sendo destruídos hoje para extrair minerais cujo valor é medido não tanto pela utilidade de seus usos sociais, mas por seu valor de mercado. Portanto, existe um compromisso profético urgente para a transformar o modelo econômico de desigualdade. Entendemos que é urgente reabilitar uma política e ação saudável com o mercado financeiro que estabeleça a dignidade humana em seu núcleo e que sobre este pilar sejam construídas estruturas sociais que promovam "a preocupação com a natureza, a justiça para os pobres, o compromisso com a sociedade e a paz interior" (cf. LS 10).

Na Querida Amazônia, o Sumo Pontífice denuncia os projetos econômicos de extração e outras indústrias que destroem e poluem (cf. QA 49). No documento

final do Sínodo para a Amazônia, também é levantada a questão da conversão ecológica do ponto de vista econômico. Por esta razão, o desinvestimento na mineração surge como uma ação de conversão após ouvir a vida e as reivindicações dos povos e da natureza. O desinvestimento na mineração é um ato de coerência ética dentro da igreja e de suas instituições. Ajuda-nos a não sermos cúmplices na destruição da Casa Comum e a estar ao lado de muitas comunidades que sofrem os impactos do extrativismo.

5 - 10 PRINCÍPIOS PARA SE VIVER A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA

Assista o Vídeo

Princípio 1 Cremos na Ecologia Integral
(Palavra-Chave: Ecologia Integral):
Cremos em uma ecologia integral, que reconheça as relações humanas, sociais, ambientais, políticas e econômicas, que esteja respaldada nos valores franciscanos e clarianos, que garantam a vida em sua dignidade, e que não seja nociva aos demais seres. Que parta do fundamento de que tudo aquilo que existe e vive deve ser respeitado.

Princípio 2 - Cremos no Desenvolvimento Integral
(Palavra-chave: o desenvolvimento integral):
Cremos que só é possível pensar em desenvolvimento aliado ao cuidado da criação, com a participação dos empobrecidos nos processos de construção das políticas sociais e econômicas. Cremos, assim, no desenvolvimento humano integral como princípio fundamental das mudanças estruturais necessárias, o qual pressupõe a soberania dos povos e a luta nos territórios, e sugere uma economia solidária, fraterna, ecológica e democrática (Fratelli Tutti, 169).

Princípio 3 - Cremos em alternativas anticapitalistas
(Palavras-chaves: anticapitalismo e bem viver)
Cremos no Bem Viver porque o capitalismo é um sistema econômico cujas leis próprias geram exclusão e desigualdade (Evangelii Gaudium, 53), pelo que se faz um sistema insuportável, e que precisa ser superado, juntamente do colonialismo e do patriarcado. Cremos que um suposto "capitalismo inclusivo" é contraditório com a opção pelo respeito à criação e por uma ecologia integral e não é a resposta para a crise que vivemos. Cremos, portanto, que o bem viver é a filosofia prática que nos faz caminhar na direção da nova economia construída sob o paradigma da igualdade, da sustentabilidade e da cidadania.

Princípio 4: Cremos nos Bens Comuns
(Palavras-Chaves: Bens Comuns e papel do Estado):
Cremos nos Bens Comuns porque o neoliberalismo, versão contemporânea do capitalismo, acentuou as características de uma economia que mata, com a idolatria ao capital e ao mercado; cremos se tratar de um pensamento limitado, que recorre à mágica teoria do "gotejamento" como única via para resolver os problemas sociais, a qual, por sua vez, não funciona, pois o mercado não regula tudo (Fratelli tutti, 168); pelo contrário, torna a política refém de uma economia tecnocrática (Laudato si, 189), e prejudica o necessário papel do Estado na garantia dos direitos sociais inalienáveis, pois privatiza direitos e estatiza prejuízos.

Princípio 5 - Cremos que 'Tudo está interligado'
(Palavra-chave: Crise Ecossocial):
Cremos que a superação da crise se dá por caminhos onde tudo está interligado, inclusive as soluções diante da crise socioambiental que possuem implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas, políticas e que afetam principalmente os empobrecidos (Laudato si, 25), os povos originários e tradicionais.

Princípio 6 – Cremos na potência das periferias vivas (Palavra-chave: as periferias como ponto de partida):
Cremos que o caminho de reconstrução de novas economias passe pelas "sementes de esperança semeadas pacientemente nas periferias esquecidas do planeta, destes rebentos de ternura que lutam por subsistir na escuridão da exclusão" (Papa Francisco). Cremos que é nas periferias que germinam as experiências revolucionárias que brotam das lutas emancipatórias dos movimentos sociais, das comunidades de base, dos povos originários, das articulações populares, e de tantos outros afins.

Princípio 7 - Cremos na economia a serviço da vida (Palavra-chave: realmar a economia):
Cremos na urgente necessidade de realmar a economia, colocando no centro das relações sociais a vida em sua diversidade e dignidade, na construção de uma nova sociedade mais igualitária, onde mulheres, crianças e adolescentes, negras e negros, povos originários, comunidades LGBTQIA+ e todos os demais grupos oprimidos tenham seus corpos respeitados e direitos garantidos, pautando-se pelos valores da sororidade/fraternidade universal, diversidade do sagrado, justiça social, paz e sustentabilidade.

Princípio 8 – Cremos nas Comunidades como Saída (Palavra-chave: Território e práxis):
Cremos que a territorialidade, entendida como o espaço de vivência concreta no cotidiano, tem um papel crucial na construção de novas práticas econômicas. Cremos que é desde o chão da existência real e da práxis que se forja o ser político social, potencializando os saberes e fazeres por meio do protagonismo dos atores locais sendo parte da ação necessária à mudança macro-territorial. Cremos que a decolonização começa por uma reparação histórica, e deve se constituir na luta pelos direitos territoriais sagrados dos povos originários e quilombolas. Cremos na práxis de libertação que valorize efetivamente a pluralidade cultural contra toda a desterritorialização dos periféricos, dos camponeses, migrantes e outros marginalizados.

Princípio 9 Cremos na Educação Integral (Palavra-chave: Pacto Educativo Global):
Cremos numa educação pública, gratuita, inclusiva, inovadora, libertadora, ambiental e artística, que atenda às necessidades da sociedade, e que possibilite a aprendizagem de pessoas reflexivas e críticas. Cremos na educação popular como síntese da cultura do encontro. Cremos que o ensino, a pesquisa e a extensão devem estar sempre direcionadas à novas economias, e que a educação básica deve estar integrada na mesma perspectiva.

Princípio 10 – Cremos na solidariedade e no clamor dos povos (Palavra-Chave: movimentos sociais):

Cremos numa economia sustentável, democrática e fraterna, que rompa com as desigualdades sociais, proporcione a emancipação humana e garanta o direito à terra, ao teto e ao trabalho, construindo mecanismos de geração de renda que fortaleçam a cooperação, a associação e a autogestão. Cremos numa economia pautada na justiça social, que reconheça as diversidades, e que crie redes entre os movimentos sociais a partir dos princípios da economia solidária e agroecológica.

Encontro da ABEFC com Congregações Religiosas de Língua Portuguesa e Espanhola em Roma. 20.set.2022

Encontro de jovens latino-americanos com a Comissão Pontifícia para a América Latina no Vaticano. 20.set.2022

6 - CASAS DE FRANCISCO E CLARA: Um chamado a uma economia da proximidade, do cuidado e da defesa de direitos

Conheça as Casas de Francisco e Clara

A premissa que estrutura o projeto das Casas de Francisco e Clara (CFC) é uma recepção popular, comunitária e participativa do chamado do Papa Francisco para "estabelecer um 'pacto' para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã.". O coração das Casas brota do reconhecimento das potencialidades do território; já há muito tempo mulheres e homens se organizam para transformar as ruínas em novas construções e fazer de seus espaços lugares-farol de esperança.

Compreender essa identidade das Casas nos leva a perceber que a con-

solidação das Casas de Francisco e Clara nascem da reunião estratégica de diversas iniciativas já experimentadas por comunidades espalhadas pelo país que, inspiradas por um novo fôlego que nasce do chamado do Papa e motivadas a romper com estruturas econômicas caducas, potencializam esses trabalhos e projetos a partir de um espaço que seja referência da comunidade. Evidentemente, não pressupõe a obrigatoriedade de um espaço físico de imediato. Esse espaço como referência é sobretudo o ambiente oferecido, que favorece a mística, a troca, o diálogo, a escuta, o planejamento e a realização dos projetos.

Dois valores fundamentais inspiram as CFC. O primeiro é reconhecer que existem formas alternativas de fazer economia, e esses formatos já são experimentados com os frutos da Economia Solidária, dos Bancos Comunitários, de iniciativas de integração campo-cidade, com projetos com empreendedores locais, coletivos de produtores comunitários e com o trabalho cooperado. É missão das Casas integrá-los cada vez mais na vida comunitária, para que a comunidade seja meio e fim do trabalho desenvolvido. O derradeiro valor é reconhecer a cidadania econômica de todos os atores sociais; mulheres e homens, no campo ou na cidade, produzindo e consumindo são sujeitos que fazem e transformam a economia.

A organização local não ofusca a incessante luta universal pela superação do capitalismo, porque precisamos pensar e agir - tanto localmente, quanto globalmente. É necessário mediar a realidade universal com as experiências concretas, criando o tensionamento necessário para transformar as estruturas desde as bases que as sustentam. E mais, reconhecer que os territórios têm respostas para as situações que os atingem e como podem trilhar caminhos de fraternidade.

Para facilitar a compreensão da identidade do espaço-referência como ambiente de vivenciar a construção coletiva, intercrenças, assumindo as bandeiras de emancipação e o cuidado com a Casa Comum, apresentamos dez eixos místicos que fundamentam este movimento das Casas de Francisco e Clara:

1. Lugar de encontro dos(as) empobrecidos(as): espaços teológicos através dos quais os(as) jovens poderão fazer a experiência do diálogo e do despojamento como o fizeram Francisco e Clara de Assis, sendo também um espaço ecumênico e de diálogo inter-religioso com as grandes religiões. Construindo espaços para as pessoas que não professam a fé religiosa, mas que acreditam na justiça e em economias que nascem da solidariedade.

2. Lugar de trabalho e contemplação: construção de um itinerário místico de formação, a fim de que sejam direcionados à comunidade os frutos do trabalho dos jovens da casa, com partilha e troca de experiência entre as juventudes e a comunidade. Que este trabalho possa consolidar e comprometer um projeto de vida, com a prática da justiça na Casa Comum e com a construção do Bem Viver. Espaços orantes e abertos para o território, onde todas as pessoas sejam bem vindas e possam comungar de espiritualidades plurais.

3. Lugar de cultivo e preservação da biodiversidade: espaço de cuidado com a Casa Comum, através do cultivo do solo, da prática da agroecologia e optando por economias de proximidade. Não só em zonas rurais e/ou em comunidades tradicionais, mas sobretudo nos centros urbanos que a dimensão da convivência harmônica com a flora e fauna devem ser trabalhadas. Devemos promover o retorno à terra e à opção por um estilo de vida simples e frugal; aprender a viver com poucas coisas e partilhar o pouco que se tem.

4. Lugar de inovação, com energias renováveis: promoção do conhecimento em rede e integração entre centro e periferia. Capacitar as juventudes do território a conhecer, produzir e aprimorar as múltiplas tecnologias, garantindo participação e novos meios de transformação social.

5. Lugar de potencializar o desenvolvimento regional territorial: através da pesquisa e da extensão junto aos territórios, produzir ciência, a fim de democratizar a economia do conhecimento com acesso às populações empobrecidas. Garantir parcerias com as Universidades que têm projetos

afins, para que o saber científico esteja a serviço da vida plena. A academia e o movimento social organizado são essenciais na descoberta de novos formatos de atuação, saberes científicos e trocas de iniciativas que possam gerar engajamento local.

6. Lugar de vivenciar e aprofundar o humanismo solidário do Papa Francisco: o apelo pela vivência da fraternidade e da amizade social está no centro do humanismo solidário do Papa Francisco, convocando as pessoas de boa vontade a experimentar desde as suas comunidades a dinâmica do diálogo, da construção da paz, a inclusão dos pobres, o cuidado com a casa comum e a prática da justiça.

7. Lugar de conhecer espiritualidades para libertação: vivenciar a mística de olhos abertos, para compreender a humanidade através de uma prática libertadora. Defender e lutar pelos 3Ts: Terra, Teto e Trabalho, a fim de que a Casa de Francisco e Clara seja um laboratório de políticas públicas de estado. A convivência respeitosa, colaborativa e plural de expressões de fé e religiosidades é importante não só para acolher o mais diverso perfil presente na comunidade, mas para, em diálogo inter-religioso, ter a oportunidade de beber de saberes ancestrais, culturais e religiosos preservados em manifestações religiosas e credos.

8. Lugar-farol de esperança para as juventudes: as Casas de Francisco e Clara devem se esforçar para serem antítese da realidade hoje enfrentada pelas juventudes periféricas. A cultura do encontro deve anular o atual cenário recheado pela globalização da indiferença e cultura do descarte, que seleciona aqueles que têm direito de sonhar. As juventudes querem viver e se lançam para construir a Civilização do Amor.

9. Lugar de partilhar experiências globais por outro mundo possível: vivenciar e partilhar diversas experiências de vida e práticas de construção solidária e participativa por um outro mundo possível. Conectar os movimentos populares, pastorais, comunidades eclesiais e demais coletivos de luta por paz e justiça.

10. Lugar de escutar os gritos da Terra e da humanidade: a reivindicação local
guarda sintonia com o grito da terra e da humanidade. Reconhecer que "tudo está interligado" é proclamar que os problemas socioeconômicos e ambientais têm a mesma raiz e que a transformação e superação destes desafios brotam do chão das comunidades.

11. E para que todos os dez eixos se façam real e parte integrante da identidade das Casas, é necessário que antes sejam ambientes de pertença. Sem pertença não haverá acolhida, escuta, mística e trabalho transformador. As CFC precisam ser espaços de construção coletiva para 'fazer com', 'conhecer com', 'planejar com' e atuar com a comunidade.

A novidade é o método, a natureza das Casas como espaços de aprendizagem e com potencial transformador nas periferias dos países e do mundo. Muitos dos trabalhos que podem ser desenvolvidos nas CFC são iniciativas já conhecidas, como os Bancos Comunitários, moedas sociais, grupos de mulheres empreendedoras, rodas de conversa, espaços de formação, trabalho com crianças. Mas além de reconhecer nessas lutas o ímpeto de transformação econômica, é necessário também converter o olhar e perceber que a organização e militância de outros atores sociais, políticos, religiosos do território também carregam reivindicações no sentido do cuidado e administração dos bens da Casa Comum. A construção de redes - a partir das Casas - colabora para alimentar o sonho comum.

As práticas comunitárias anunciam a cultura de paz. Acreditamos que a esperança coletiva que movimenta a porção de mulheres e homens em seus lugares rompe com a criminalização da periferia, porque consegue revelar os bons frutos e experiências de autogestão que brotam dos espaços atingidos pela narrativa única da violência, da ausência de política pública e sinais de morte. Essa reação comunitária, ecológica e humanista é para nós o sopro da Ruah divina que inspira as lutas para nossa definitiva entrada no século XXI. Uma economia-política baseada nas relações de solidariedade, em que a participação comunitária é princípio para cidades com mais envolvimento público, e forjam uma nova arquitetura econômica no lugar da financeirização: A

construção de espaços comuns para viver, partilhar e compreender desafios. Após a pandemia da covid-19 é certo para nós que o maior desafio será o de reaprender a fazer coletivamente o bem comum.

As Casas de Francisco e Clara são uma forma de se organizar no território. Os trabalhos, o espaço e a sustentabilidade de cada Casa brotam da experiência de cada comunidade que se reúne com o desejo comum de responder aos problemas locais sendo lugar-farol de esperança. Vá, chame todo o povo que rega o sonho bom de uma 'Nova Terra', chame a juventude inquieta por viver e viver bem, reúna o melhor do hoje para construir o amanhã diferente, em que a economia seja a forma mais bela de cuidar da "Oikos". Das Casas, novos Franciscos e Claras vão realmar a humanidade.

7 - E AGORA?
Como fazer a Economia de Francisco e Clara na minha realidade?

Muitos se perguntam por onde começar, mas poucos percebem que na verdade já começaram. Superar a racionalidade individualista, consumista e competitiva deste modelo econômico é uma tarefa que se faz na cotidianiedade do movimento coletivo-comunitário. É preciso olhos atentos e coração aberto para acolher as realidades a nossa volta, e, desse modo, apresentamos o seguinte passo-a-passo:

1º) Organize um grupo comunitário, religioso e/ou movimento social e escolha alguns trechos desta cartilha para ser lido e estudado em conjunto num ciclo de encontros. Os encontros devem ter a finalidade de ferramentas motivadoras.

2º) Debatam as impressões que cada um teve e analisem a partir da realidade em que estão inseridos

3º) Pensem como iniciar a Economia de Francisco e Clara a partir de uma dessas três dimensões:

- Articulação Territorial
- Articulação com Movimentos Populares
- Articulação de espaços educativos

4º) Conecte-se conosco para tecermos juntos economias para o bem viver
economiadefrancisco@gmail.com

Encontro de Planejamento da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara em março de 2023

Espalhe a cartilha em suas redes
e vamos juntos construir a Economia de Francisco e Clara

http://economiadefranciscoeclara.com.br/cartilha-economia-para-o-bem-viver-dos-povos/

Encontro de Planejamento da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara em março de 2023

Para continuar a ter acesso aos nossos documentos
e espalhar para seus amigos:

http://economiadefranciscoeclara.com.br/cartilha-economia-para-o-bem-viver-dos-povos/

Instagram ABEFC

Youtube ABEFC

Iniciativa:

ARTICULAÇÃO BRASILEIRA pela ECONOMIA DE FRANCISCO e CLARA

Apoio:

CAMPANHA DA FRATERNIDADE CNBB

ANIMA PUC MINAS

PUC Minas

FETQUIM

INTERSINDICAL Central da Classe Trabalhadora

CASA Galileia